

## ESPIRITUALIDADE NAS ORGANIZAÇÕES: CARACTERÍSTICAS DAS ESCALAS ATUAIS

### SPIRITUALITY IN ORGANIZATIONS: CHARACTERISTICS OF CURRENT SCALES

**MARCO ANTONIO FIGUEIREDO MILANI FILHO**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: mmilani@unicamp.br

**DERSON DA SILVA LOPES JUNIOR**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: dersonlopes@me.com

#### RESUMO

A dimensão espiritual do indivíduo é largamente aceita por profissionais da área de Saúde ao vincularem-na ao bem-estar humano. Na área de Ciências Sociais Aplicadas, entretanto, ainda há um significativo hiato entre os estudos sobre espiritualidade e sua aplicação por profissionais nas organizações. É forçosa a adoção de escalas validadas capazes de apontar o nível ou as características de espiritualidade dos indivíduos para posteriores análises no ambiente organizacional. O objetivo deste trabalho centra-se na apresentação crítica das escalas sobre espiritualidade validadas no contexto brasileiro e a potencial aplicabilidade em pesquisas organizacionais. Após revisão bibliográfica, foram identificadas 12 escalas na literatura científica devidamente validadas para o contexto brasileiro. As escalas foram analisadas sob a perspectiva da espiritualidade em seu conceito amplo, que depende de vínculo religioso e cuja aplicação pode ser realizada em ambientes multiculturais. Foram apontadas somente duas escalas que atenderam a esses critérios e apenas uma com maior capacidade de detalhamento dos aspectos humanísticos considerados, sendo essa a recomendada para pesquisas organizacionais dentre as escalas atualmente validadas.

**Palavras-chave:** Espiritualidade nas organizações; Espiritualidade no ambiente do trabalho; Escalas de espiritualidade.

#### ABSTRACT

The individual's spiritual dimension is widely accepted by health professional's as they link it to human well-being. In the area Applied Social Sciences, however, there is still a significant gap between studies on spirituality and its application by professionals in organizations. It is imperative to adopt validated scales capable of pointing out the level or characteristics of individuals' spirituality for further analysis in the organizational environment. The objective of this work focuses on the critical presentation of validated spirituality scales in the Brazilian context and their potential applicability in organizational research. After a bibliographic review, 12 scales were identified in the scientific literature duly validated for the Brazilian context. The scales were analyzed from the perspective of spirituality in its broad concept, which is independent of religious ties and whose application can be carried out in multicultural environments. Only two scales that met these criteria were identified and only one with greater detailing capacity of the humanistic aspects considered, which is recommended for organizational research among the currently validated scales.

**Keywords:** Spirituality in organizations; Spirituality in the work environment; Spirituality scales.

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas envolvendo a espiritualidade nas organizações ganharam maior ênfase na literatura científica a partir do final dos anos 1990. Estudos como os de Mitroff e Denton (1999), Ashmos e Duchon (2000), Koenig *et al.* (2001), Krishnakumar e Neck (2002), Milliman, Czaplewski e Ferguson (2003), Fry (2003), Giacalone e Jurkiewicz (2003), Tischler *et al.* (2007) e Geh (2014), dentre outros, contribuíram para impulsionar a discussão do tema e para o estabelecimento de relações entre espiritualidade e elementos típicos do ambiente profissional, como por exemplo, clima organizacional, motivação pessoal e de grupos, estilos de liderança, produtividade etc.

O assunto fomenta relevantes discussões, a começar pela própria conceituação de espiritualidade, como observam Rocha e Pinheiro (2021). Para Koenig (2006), de forma geral, ela está conectada à busca pessoal de sentido para a vida e outras questões existenciais, além das relações transcendentais. Tais características, obviamente, refletirão no comportamento dos indivíduos nos mais diferentes ambientes sociais, inclusive no ambiente de trabalho. Nesse sentido, Rego e Cunha (2008) apontam que a espiritualidade está positivamente relacionada com a motivação dos funcionários, assim como no engajamento nas tarefas e desempenho organizacional.

Enquanto a dimensão espiritual é largamente aceita por profissionais da área de Saúde ao vincularem-na ao bem-estar do indivíduo e da população, como explicitado pela Organização Mundial de Saúde (1998), na área de Ciências Sociais Aplicadas ainda há, proporcionalmente, um significativo hiato entre os estudos sobre espiritualidade e sua aplicação por profissionais nas organizações. Lips-Wiersma e Morris (2009) e Liu e Robertson (2011), argumentam que parte da literatura existente é predominantemente descritiva, com certa superficialidade teórica, uso de definições ambíguas e limitado poder explicativo.

Um desafio enfrentado por autores sobre a temática é a diferenciação conceitual de espiritualidade e religiosidade, uma vez que os termos possuem abrangências distintas, sendo o primeiro mais amplo a ponto de permitir a afirmação que nem todo espiritualista é religioso, mas todo religioso é espiritualista. Makkar e Singh (2021), por exemplo, criticam a forte influência de práticas religiosas nas escalas atuais para se medir o nível de espiritualidade e tal sobreposição envia as discussões realizadas em culturas organizacionais do ocidente e do oriente.

Em qualquer cenário, entretanto, é forçosa a adoção de escalas capazes de apontar os níveis ou as características de espiritualidade dos indivíduos para posteriores análises no ambiente organizacional. Assim, considerando os atuais instrumentos analíticos utilizados nos estudos sobre espiritualidade nas organizações e a necessidade de validação desses instrumentos sob a perspectiva multicultural, a questão de pesquisa que orienta este trabalho é: **as principais escalas de espiritualidade validadas no contexto brasileiro favorecem a respectiva aplicação no ambiente organizacional não-religioso?**

O objetivo geral centra-se, dessa maneira, na apresentação crítica das escalas de espiritualidade validadas no contexto brasileiro e a potencial aplicabilidade em pesquisas organizacionais sem viés religioso.

Justifica-se essa abordagem perante a carência de estudos comparativos que objetivem oferecer elementos sobre a evolução das características das escalas validadas em uso pelos pesquisadores sobre a temática da espiritualidade nas organizações, destacando, inclusive, a análise de eventuais vieses conceituais.

A contribuição esperada deste trabalho, assim sendo, volta-se para a indicação de escalas já validadas no Brasil para sustentar investigações científicas que envolvam o nível de espiritualidade do indivíduo ou de um grupo no ambiente de trabalho e na organização de forma geral.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico do presente estudo aborda os conceitos relacionados a espiritualidade e a espiritualidade nas organizações.

### **2.1 Espiritualidade**

Definir espiritualidade não é tarefa simples, pois, além do aspecto polissêmico do termo, há fatores como cultura, época, contexto e arcabouço conceitual que variam conforme o autor. Para De Fiores e Goffi (2006), a espiritualidade assume uma significação genérica ou imprecisa, cobrindo um amplo conjunto de crenças e valores, mas em essência, envolve questões ontológicas e refere-se à dimensão mais profunda do ser, oferecendo sentido à própria existência.

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 1998) aponta a espiritualidade como um dos aspectos humanos relacionados diretamente à qualidade de vida e bem-estar e, sob essa

perspectiva, Moreira-Almeida *et al.* (2016) afirmam que ela associa-se, significativamente, à prevalência, diagnóstico, tratamento, desfechos clínicos e prevenção de doenças.

Um dos desafios enfrentados por todos aqueles que se debruçam no estudo do tema é a demarcação de limites que fazem com que a espiritualidade diferencie-se da religiosidade, essa última entendida como as características comportamentais e vínculos de alguém a crenças e valores religiosos. Como observa Garzia-Zamor (2003), espiritualidade e religiosidade são temas próximos, mas indicam fenômenos diferentes.

Para Lotufo Neto (1997), trata-se da busca humana por uma vida satisfatória e com sentido, descobrindo a natureza essencial de si mesma e seu relacionamento com o universo. Seria, assim, um processo pelo qual os indivíduos reconheceriam a importância de orientar suas vidas a algo não material que está além e é maior do que eles próprios.

Koenig *et al.* (2001) sinalizam que a espiritualidade denota uma busca pessoal para respostas compreensíveis às perguntas finais sobre a vida, sobre seu significado e sobre o relacionamento com o sagrado ou transcendental.

Como em sentido amplo a espiritualidade pode ou não estar vinculada à experiência religiosa, autores como Comte-Sponville (2016) propõem a possibilidade da espiritualidade centrada no humanismo e que aceitaria a sua expressão até no ateísmo.

A concepção contemporânea de espiritualidade admite, portanto, uma autonomia conceitual em detrimento das crenças formalizadas, das instituições religiosas e das tradições sagradas presentes em todos os povos (HERVIEU-LÉGER, 2008). Essa autonomia, entretanto, não implica antagonismo com a religiosidade.

Hufford (2003) afirma que a espiritualidade refere-se ao domínio do espírito, algo extrafísico, e que se trata de uma relação pessoal com o transcendente e inclui em seu bojo a religião. Por isso existem pessoas espiritualizadas, mas não religiosas. Assim, todo indivíduo religioso é espiritualista, mas nem todo espiritualista é religioso.

Para a operacionalização do conceito de espiritualidade, diferentes autores nas últimas décadas procuraram segmentar suas dimensões de maneira a favorecer uma abordagem analítica e comparativa. No Quadro 1, elencam-se as propostas representativas de segmentação dessas dimensões, identificadas na literatura científica.

As propostas operacionais buscam aglutinar percepções representativas humanistas e, para alguns autores, com a especificação de aspectos típicos da vivência religiosa. As dimensões indicadas por Fischer (2010), Howden (1992) e Elkins (2005) alinham-se com o conceito amplo de espiritualidade, que independe do vínculo religioso do sujeito, mas o reflete se estiver presente. Essa abordagem mais abrangente também é condizente com os

valores humanistas encontrados nos trabalhos de Frankl (1997), em que busca-se compreender a existência por meio dos fenômenos especificamente humanos, considerando-se a dimensão espiritual com um dinamismo particular que admite e acomoda a experiência religiosa, mas sem depender dela.

### Quadro 1 – Dimensões espirituais

Autor(es)	Dimensões
Fisher (2010)	1) Pessoal; 2) Ambiental; 3) Comunidade; 4) Transcendental.
Fenwick e Lange (1998)	1) Vida e morte; 2) Alma e ego; 3) Cosmologia; 4) Conhecimento; 5) Caminho pessoal; 6) Foco; 7) Práticas espirituais; 8) Respostas existenciais.
Underwood <i>et al.</i> (2002)	1) Força e conforto interior; 2) Percepção do amor divino; 3) Inspiração e discernimento.
Parsian e Dunning (2009)	1) Relevância das crenças espirituais; 2) Autoconhecimento; 3) Consciência ambiental; 4) Relacionamentos; 5) Necessidades espirituais; 6) Experiências espirituais.
Beazley (1998)	1) Vivência da fé; 2) Prece e meditação; 3) Honestidade; 4) Humildade; 5) Serviços ao próximo.
Howden (1992)	1) Propósito e significado da vida; 2) Transcendência.
Elkins (2005)	1) Dimensão transcendente, 2) Significado e propósito da vida, 3) Sacralidade da vida, 4) Valores espirituais <i>versus</i> materiais, 5) Altruísmo, 6) Idealismo, 7) Consciência trágica e, 8) Frutos da espiritualidade.

Fonte: Adaptado de Makkar e Singh (2021).

Elkins (2005), ao indicar a “consciência trágica” entre as dimensões, procura capturar uma posição filosófica complexa, referindo-se à:

[...] consciência profunda da dor, do sofrimento humano e da morte que confere profundidade à pessoa espiritualizada, [...] mas que realça a alegria da pessoa espiritualizada, assim como seu modo de apreciar e valorizar a vida (ELKINS, 2005, p. 43).

Por outro lado, Beazley (1998) e Underwood *et al.* (2002) relacionam elementos característicos do adepto de alguma religião institucionalizada ou formal, gerando dúvidas sobre a validade da aplicação dessas dimensões em culturas diversificadas quanto às crenças religiosas.

Fenwick e Lange (1998) e Parsian e Dunning (2009) reconhecem a expressão de práticas espirituais que podem ou não ser religiosas na classificação dimensional, demonstrando certa flexibilidade nesse aspecto, porém sem isolar os fatores exclusivamente comuns da espiritualidade que não estariam presentes em sujeitos agnósticos ou ateus. As

pesquisas sobre o tema, portanto, assumem características particulares conforme as dimensões selecionadas.

Segundo Curcio *et al.* (2015), existem mais de 3 mil estudos que relacionam espiritualidade e saúde, abordando questões que abrangem desde a atribuição de um sentido à vida e consequente aumento da motivação para o enfrentamento e superação de crises até a ocorrência de menores índices de depressão e ansiedade, redução do abuso de substâncias psicoativas e do comportamento suicida.

Conforme observam Forti *et al.* (2020), o tema provoca o relevante desafio de se obter a correta aferição do nível de espiritualidade dos indivíduos por meio de instrumentos confiáveis e válidos. Os problemas decorrentes de instrumentos enviesados ou falhos recaem sob a medição incompleta ou segmentada do objeto em análise.

As escalas devem, naturalmente, capturar as dimensões espirituais envolvidas, as quais também variam de acordo com os seus respectivos autores. Uma vez que a espiritualidade influencia a condição geral do indivíduo, naturalmente espera-se que ela reflita no comportamento do ser nos diferentes ambientes em que participe, como familiar, social e profissional.

## **2.2 Espiritualidade nas organizações**

Desde a Escola das Relações Humanas, na década de 1930, os aspectos pessoais e sociais do trabalhador passaram a ocupar papel de destaque no processo produtivo, em que o indivíduo não mais foi considerado como um típico recurso, como antes concebido na visão da Administração Científica com Frederick Taylor e na Escola Clássica com Jules Henri Fayol. Uma vez que o trabalhador tem suas próprias motivações e responde de forma diferente aos estímulos ambientais que recebe, torna-se importante conhecer, acompanhar e proporcionar condições adequadas no ambiente de trabalho para que os objetivos organizacionais sejam alcançados e satisfaçam-se às expectativas dos funcionários.

Maslow (1943), Herzberg (1966) e McGregor (1992), dentre outros autores que contribuíram para a Teoria Comportamental da Organização, abordaram os aspectos individuais relacionados à motivação, as necessidades e as reações frente às circunstâncias.

Segundo Goodwin (2005), a abordagem comportamental refutou o reducionismo e o mecanicismo, os quais concebiam o comportamento humano como algo redutível a instintos biológicos recalcados ou como simples condicionamentos. Igualmente, contrapôs-se à visão

determinista de que o histórico do sujeito definia e limitava seu próprio futuro. O enfoque humanista valoriza o desenvolvimento pessoal para a autorrealização.

Em sua clássica proposta sobre a hierarquia das necessidades, Maslow (1943) situou a religião como uma necessidade básica, relacionada à busca de segurança e, em trabalhos posteriores, a relacionou da seguinte maneira:

*The human being needs a framework of values, a philosophy of life, a religion or religion surrogate to live by and understand by, in about the same sense that he needs sunlight, calcium or love. This I have called the "cognitive need to understand" (MASLOW, 1968. p. 242).*

Benefiel *et al.* (2014) e Karakas (2010) destacaram que os estudos da espiritualidade nas organizações desenvolveram-se nos esforços um tanto dispersos dentro da ética empresarial, gestão e comportamento organizacional, voltados para a eficácia da organização, mas que possibilitaram o delineamento de um conjunto comum de características passíveis de serem percebidas no ambiente de trabalho.

De forma geral e alinhando-se com sua definição mais ampla de espiritualidade, pesquisas nessa temática fornecem um arcabouço de valores evidenciados na cultura organizacional que promove a vivência da transcendência dos funcionários por meio do processo de trabalho, facilitando a sensação de estarem conectados com os outros de forma a proporcionar sentimentos de completude e alegria (GIACALONE; JURKIEWICZ, 2003).

Para Rocha e Pinheiro (2021), o conceito proposto para espiritualidade organizacional é uma identidade resultante dos valores, práticas e discursos, compostos de local de trabalho e espiritualidade individual, incluindo a do líder e outros membros. A espiritualidade organizacional deveria ser visível na imagem, missão e visão declaradas.

Pandey *et al.* (2009) justificaram a necessidade de uma noção mais forte de comunidade no trabalho, afirmando que as pessoas são mais indulgentes e engajadas em suas profissões e pressionadas para elevar sua carreira, o que as deixam com muito menos tempo para passar com suas famílias, amigos e vizinhos. Isso as instiga a buscar laços sociais dentro das organizações em que passam a maior parte do tempo.

Bulent e Adnan (2009) deram grande importância à espiritualidade da liderança e consideraram-na como uma essência para que sejam aprimoradas as competências e habilidades dos trabalhadores para um melhor desempenho e consequente produtividade. Os líderes espiritualizados seriam aqueles que aliam a busca de sentido para a vida dos funcionários com a possibilidade de autorrealização no ambiente organizacional. Assim, o

senso de espiritualidade seria bastante útil para os trabalhadores na execução de suas tarefas, o que poderia resultar no aumento da lucratividade das organizações.

Os fenômenos organizacionais são, dessa maneira, afetados pela espiritualidade dos indivíduos, essa entendida como uma variável significativa na dinâmica causal dos processos da organização. Para autores como Mitroff e Denton (1999), Ashmos e Duchon (2000), Koenig *et al.* (2001), Krishnakumar e Neck (2002), Milliman, Czaplewski e Ferguson (2003), Fry (2003), Giacalone e Jurkiewicz (2003), Tischler *et al.* (2007), Geh (2014), Zhang (2020) e Anderson e Burchell (2021), sob a perspectiva empirista, a espiritualidade pode ser estimada por instrumentos adequados, mas as características desses instrumentos podem divergir entre si, como criticaram Makkar e Singh (2021), pois os autores ocidentais tendem a inserir componentes religiosos típicos de culturas influenciadas pelo cristianismo que dificultam a respectiva aplicação em culturas orientais não-cristãs.

Em síntese, Makkar e Singh (2021) apontaram para o problema de se usar a prática religiosa como uma *proxy* de espiritualidade, não apenas limitando a sua validade, mas impedindo a real captura dos elementos que independem da religiosidade vinculada às crenças tradicionais e que possam ser utilizados universalmente.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho descritivo, foram empregadas técnicas qualitativas para a coleta e análise de dados, com o objetivo de descrever as características das escalas de espiritualidade validadas no contexto brasileiro, conforme revisão bibliográfica realizada por Forti *et al.* (2018).

Foram identificados 12 instrumentos validados para a estimativa do grau de espiritualidade que contaram com mais de uma citação em 134 artigos selecionados pelas chaves de busca “espiritualidade”, “escala de espiritualidade” “religiosidade”, “escala de religiosidade”, nos idiomas inglês e português, constantes nas seguintes bases de dados: Capes, Doaj, Liliacs, Proquest, Pubmed, Scielo e *Web of Science*. Registra-se que foram encontrados 256 artigos que, apesar de apresentarem alguma menção aos termos de busca utilizados e de terem sido inicialmente identificados, foram descartados por não apresentarem nenhum instrumento para se avaliar o grau de espiritualidade ou religiosidade.

Por escala validada, entende-se aquela cujo teste estatístico estima a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa e que obteve o coeficiente Alfa de Cronbach com valor mínimo igual a 0,70.

A seguir, no Quadro 2, são apresentadas as escalas validadas no contexto brasileiro, com o respectivo coeficiente alfa, desenvolvido a partir do trabalho de Forti *et al.* (2015) e atualizado com o presente levantamento.

**Quadro 2** – Escalas de espiritualidades validadas no contexto brasileiro

Escalas	Autores do teste de validação/Ano	Alfa de Cronbach
Brief Multidimensional Measure of Religiousness and Spirituality (BMMRS)	Curcio <i>et al.</i> , 2015	> 0,70
Daily Spiritual Experience Scale (DSES)	Sanchez <i>et al.</i> , 2014	0,91
Escala de Atitude Religiosa	Aquino <i>et al.</i> , 2009	0,91
Escala de Bem-Estar Espiritual (SWBS)	Miranda <i>et al.</i> , 2015	0,92
Escala de Coping Religioso-Espiritual (CRE)	Silva, 2016	0,97
Escala de Orientações Religiosas	Rogrigues-Rad e Ramos-Hidalgo, 2017	0,81
Functional Assessment of Chronic Illness Therapy-Spiritual Well-Being (FACIT-SP)	Lucchetti <i>et al.</i> , 2015	0,89
Índice de Religiosidade de Duke (DUREL)	Taunay <i>et al.</i> , 2012	0,80
Inventário de Religiosidade Intrínseca	Taunay <i>et al.</i> , 2012	0,96
Self-Rating Scale for Spirituality (SSRS)	Moreira <i>et al.</i> , 2016	0,83
Treatment Spirituality/Religiosity Scale (TSRS-Br)	Gonçalves <i>et al.</i> , 2016	0,85
WHOQOL-SRPB	Magalhães <i>et al.</i> , 2015	0,96

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Posteriormente à identificação das escalas validadas, cada um dos 12 instrumentos foi analisado de maneira a se conhecer as dimensões da espiritualidade presentes. Paralelamente, foi verificada a eventual presença de componentes específicos de religiosidade que poderiam limitar a aplicação do questionário sob a perspectiva multicultural e, assim, enviesar as pesquisas que se servissem desse instrumento.

Os resultados foram discutidos de maneira a proporcionar elementos mais objetivos sobre os aspectos positivos e negativos das escalas, destacando-se aquelas mais indicadas a serem aplicadas no contexto organizacional.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, relacionam-se as escalas sob análise, detalhadas com as dimensões de espiritualidade e/ou religiosidade explicitadas nos respectivos questionários.

#### **4.1 Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade (BMMRS)**

O BMMRS (*Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality*) é uma proposta desenvolvida em 1995 por pesquisadores do Instituto Fetzer com o Instituto Nacional do Envelhecimento (FI/NIA), ambos dos Estados Unidos da América (EUA), com o objetivo de criar uma ferramenta multidimensional sobre espiritualidade e religiosidade. Apesar de sua aplicação ter ocorrido inicialmente na área da Saúde, também foi aplicado na área da Administração, como verificado nos trabalhos de Juhaizi e Mahadzirah (2014), Rodríguez-Rad e Ramos-Hidalgo (2017) e Hodges (2019).

Suas 38 questões estão distribuídas em 10 dimensões sobre espiritualidade/ou religiosidade, a saber: 1) Experiências espirituais diárias; 2) Valores/crenças; 3) Perdão; 4) Práticas religiosas particulares; 5) Superação religiosa e espiritual; 6) Suporte religioso; 7) História religiosa/espiritual; 8) Religiosidade organizacional; 9) Preferência religiosa; 10) Autoavaliação global de religiosidade e espiritualidade.

Neste instrumento, 100% das dimensões citadas possuem uma ou mais referências explícitas a Deus, fé, prática religiosa e/ou crenças religiosas.

Trata-se, portanto, de uma escala fortemente direcionada à religiosidade, como ênfase cristã, especificamente. Estima-se que respondentes islâmicos, hinduístas, ateus ou agnósticos, por exemplo, encontrariam algumas barreiras culturais para a plena interpretação das questões, as quais apresentam vocabulário típico das igrejas institucionalizadas cristãs.

#### **4.2 *The Daily Spiritual Experience Scale (DSES)***

A Escala de Experiência Espiritual Diária (DSES) refere-se a um questionário proposto por Underwood e Teresi (2002), com destaque para o autorrelato de 16 itens projetados para avaliar experiências comuns de conexão com o transcendente na vida diária. Segundo Underwood (2011), o questionário foi originalmente desenvolvido para uso em estudos de saúde, mas tem sido cada vez mais usado nas Ciências Sociais para avaliação de programas e para examinar mudanças nas experiências espirituais ao longo do tempo. Também foi empregado em ambientes de aconselhamento, tratamento de dependência e organizações religiosas.

Das 16 questões propostas, 8 delas referem-se explicitamente à percepção de Deus na vida do respondente, 2 questões abordam a sensação de conforto, 1 a beleza da Criação e 1 a gratidão sobre as bençãos recebidas. As demais questões abordam à sensação de harmonia,

paz interior, felicidade e compaixão. Esse direcionamento classifica o instrumento como de forte viés religioso, portanto sua denominação vincula experiência espiritual à vivência mística e religiosa. Caracteriza-se, assim, como uma escala limitada à religiosidade.

#### **4.3 Escala de Atitude Religiosa**

Proposto por Aquino (2005), o instrumento é composto por quinze itens e, como a denominação claramente evidencia, refere-se exclusivamente à religiosidade. Considerando-se que a escala foi desenvolvida no contexto religioso brasileiro, enfatiza aspectos específicos das chamadas religiões cristãs mais tradicionais, restringindo sua aplicação sobre a mensuração ampla do grau de espiritualidade.

#### **4.4 Escala de Bem-Estar Espiritual (SWBS)**

A SWBS (*Spiritual Well-Being Scale*), de Paloutzian e Ellison (1982), foi elaborada com o objetivo de fornecer indicadores complementares para a avaliação da qualidade de vida dos habitantes dos Estados Unidos. Segundo Bufford, Paloutzian e Ellison (1991), as 20 questões do instrumento voltam-se para a expressão de sentimentos e percepções dos respondentes e estruturam-se em duas dimensões, com 10 questões cada uma: o bem-estar religioso, indicando a satisfação na conexão pessoal com Deus; e o bem-estar existencial, ligada à percepção em relação ao propósito da vida independente de uma referência religiosa.

A SWBS direciona a necessidade de vínculo religioso para se ter a plenitude espiritual, uma vez que quem não compartilhe a mesma concepção divina, independentemente das questões humanistas, será considerado menos espiritualizado que alguém que abrace uma crença religiosa. Assim, ao afastar-se parcialmente do conceito amplo de espiritualidade, limita-se a aplicação do instrumento.

#### **4.5 Escala de *Coping* Religioso-Espiritual (CRE)**

Proposta de Panzini e Bandeira (2005), essa escala procura relacionar a fé pessoal para lidar com o estresse e suas consequências nos índices de qualidade de vida e saúde física e mental. Composta por 87 itens, agrupados em 12 fatores.

De todos os fatores, apenas 1 não explora questões típicas de adeptos de religiões tradicionais que predominam na cultura brasileira. Assim, o instrumento não atende a

abordagem conceitual ampla e limita-se às crenças e práticas explicitamente vinculadas à religiosidade.

#### **4.6 Escala de Orientações Religiosas**

Proposta por Ferreira (2005), essa escala procura avaliar o tipo de orientação religiosa do indivíduo, sob as perspectivas intrínsecas e extrínsecas. Dos 16 itens avaliados, 10 referem-se à orientação intrínseca e 6 à orientação extrínseca. Como a denominação evidencia, restringe-se ao comportamento e crença religiosa do respondente, não sendo aplicável para o conceito amplo de espiritualidade.

#### **4.7 *Functional Assessment of Chronic Illness Therapy-Spiritual Well-Being* (FACIT-SP)**

Proposto por Cella *et al.* (1993), trata-se de um questionário com 27 itens voltados, essencialmente à avaliação do bem-estar físico e emocional de pacientes com câncer, envolvendo expectativas e aspectos humanistas. Sua aplicação, portanto, limita-se à área da Saúde, sem registro de uso em Ciências Sociais Aplicadas.

#### **4.8 Índice de Religiosidade de Duke (DUREL)**

O DUREL (*Duke Religious Index*) foi desenvolvido por Koenig e Büssing (2010), representando uma escala com cinco itens que medem três dimensões da religiosidade, a saber: Religiosidade Organizacional, Não-Organizacional e Intrínseca. Restringe-se aos aspectos da experiência religiosa do indivíduo e não contempla questões mais amplas de espiritualidade.

#### **4.9 Inventário de Religiosidade Intrínseca (IRI)**

Proposto por Taunay *et al.* (2012), o IRI objetiva medir a religiosidade intrínseca do respondente, busca contribuir para o estabelecimento de relações entre crença religiosa e saúde física e mental. Não há registro de aplicação dessa escala na área de Ciências Sociais Aplicadas e seus resultados restringem-se, como a denominação evidencia, aos aspectos da religiosidade.

#### **4.10 Escala de Autoavaliação de Espiritualidade (SRSS)**

A SRSS (*Self-rating Scale for Spirituality*) é um instrumento de autorrelato composto por seis itens que avaliam aspectos da espiritualidade do indivíduo. Em síntese, as questões abordam a importância da meditação e a frequência de pensamentos espiritualizados, coerência entre ações cotidianas e crenças religiosas, interesse na literatura de cunho religioso e, ainda, a percepção sobre a relevância da espiritualidade na vida do respondente.

Esse instrumento foi proposto por Galanter *et al.* (2007) e sua facilidade de aplicação e sua base conceitual de acordo com a concepção ampla de espiritualidade permite que ele seja utilizado em todas as áreas do conhecimento e em diferentes culturas. A única limitação dessa escala é a reduzida quantidade de perguntas e a ausência de detalhamento nas questões humanistas.

Apesar de sua aplicabilidade, ainda não há registro de pesquisas que tenham se servido dessa escala em Ciências Sociais Aplicadas.

#### **4.11 Treatment Spirituality/Religiosity Scale (TSRS-Br)**

Proposta por Lillis *et al.* (2008), essa escala considera 10 itens envolvendo aspectos predominantemente religiosos. As questões perquirem a relação entre o respondente e suas práticas devocionais como prece e leitura da Bíblia. Foi elaborada para aplicação na área de Saúde. Por não conter aspectos conceituais amplos de espiritualidade, o instrumento é limitado à religiosidade e com a característica de crenças cristãs tradicionais.

#### **4.12 WHOQOL-SRPB**

A Organização Mundial de Saúde (1998) incluiu um módulo específico quanto a espiritualidade e a religiosidade em seu questionário formal para a mensuração do nível da qualidade de vida das pessoas, denominado WHOQOL-SRPB (*World Health Organization Quality of Life - Spirituality, Religion and Personal Beliefs*). Neste módulo, as 32 questões referem-se a oito facetas da espiritualidade: a) conexão com um ser ou com uma força espiritual, b) sentido na vida, c) admiração, d) totalidade e integração, e) força espiritual, f) esperança e otimismo, g) paz interior e, h) fé.

Essa escala assume um caráter transcultural ao ser elaborada contando com a revisão de grupos focais situados em 15 países com diferentes tradições religiosas (Egito, Brasil,

Uruguai, Argentina, Espanha, Itália, Reino Unido, Lituânia, Turquia, Israel, Índia, Malásia, Tailândia, China e Japão).

Esse instrumento aborda a espiritualidade em seu sentido amplo e sem viés religioso, caracterizando-se como adequado para aplicação em diferentes culturas e áreas do conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que abordam a temática da espiritualidade vem aumentando significativamente nas últimas décadas e se relacionam diretamente à qualidade de vida, motivação, aspectos de liderança e interação com outras pessoas, além de outros aspectos essenciais que se refletem no comportamento do indivíduo nos diferentes ambientes em que participa, como o familiar, o social e o profissional.

A necessidade de instrumentos que permitam uma análise mais objetiva dessa temática em pesquisas exploratórias, descritivas e causais, faz com que as diferentes escalas já propostas para se mensurar o nível de espiritualidade em um indivíduo ou em grupos específicos sejam objeto de discussão, considerando a diversidade religiosa e cultural existente no mundo.

As escalas pioneiras para a identificação do nível de espiritualidade calcavam-se em variáveis atreladas à religiosidade do indivíduo, porém, as críticas justificadas sobre o enviesamento desse tipo de avaliação evidenciaram as suas respectivas limitações e fragilidades ao não se pautarem pelo conceito amplo de espiritualidade.

Este estudo analisou as escalas anteriormente validadas no contexto brasileiro e a potencial aplicabilidade das mesmas em pesquisas sem viés religioso. Após a seleção de 12 escalas já validadas, conforme pesquisa de Forti *et al.* (2015), procedeu-se a análise de eventual viés religioso que restringisse a aplicação desses instrumentos em ambientes com diversidade cultural e ausência de práticas religiosas.

Dentre as escalas analisadas, apenas duas apresentaram características adequadas à aplicação no contexto multicultural e não necessariamente religioso, a saber: SRSS (*Self-rating Scale for Spirituality*) e WHOQOL-SRPB (*World Health Organization Quality of Life - Spirituality, Religion and Personal Beliefs*).

A SRSS, apesar de se adequar ao conceito amplo de espiritualidade, valorizando a abordagem humanista e transcendental sem restringir-se aos aspectos religiosos, é um

instrumento centrado em apenas 6 questões que não permitem um detalhamento mais desejado para análises mais aprofundadas.

A WHOQOL-SRPB mostrou-se adequada em todos os sentidos para atender à expectativa de aplicação em contextos multiculturais e sem viés religioso, o que faz dessa escala a mais indicada, dentre os instrumentos validados no Brasil, para a aplicação em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais Aplicadas. Recomenda-se, portanto, que estudos organizacionais considerem a possibilidade de aplicação dessa escala quando voltados ao conceito amplo de espiritualidade na análise relacional com outras variáveis.

Para a produção científica que tem como temática a espiritualidade na área de Ciências Sociais Aplicadas, faz-se necessária a intensificação do diálogo entre pesquisadores de diversos segmentos, especialmente aqueles relacionados aos estudos organizacionais. A formação de redes investigativas capazes de oferecerem uma agenda de pesquisa mais ampla sobre a espiritualidade nas organizações se torna uma condição prioritária numa perspectiva multirreferencial em resposta à constatação da complexidade das práticas e relações sociais.

Para estudos futuros, sugere-se, além da validação no contexto brasileiro de outras escalas sobre espiritualidade presentes na literatura científica internacional com características de aplicação em culturas diversificadas, também a aplicação de instrumentos dessa natureza em organizações com e sem fins lucrativos, de diferentes portes e características estruturais, oferecendo dados objetivos para análises comparativas, tanto sob aspectos qualitativos quanto quantitativos. Reflexos no avanço desses estudos poderão ocorrer nos cursos de Administração, por exemplo, destacando-se a relevância da espiritualidade nas organizações, contribuindo para que os graduados estejam mais bem preparados para gerenciar a diversidade espiritual e apreciar a importância de manter um equilíbrio na atenção dada aos resultados tangíveis, por um lado, e aos valores e preocupações humanas, por outro.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S.; BURCHELL, J. M. The effects of spirituality and moral intensity on ethical business decisions: a cross-sectional study. **Journal of Business Ethics**, v. 168, n. 1, p. 137-149, 2021.
- ASHMOS, D. P.; DUCHON, D. Spirituality at work: a conceptualization and measure. **Journal of Management Inquiry**, v. 9, n. 2, p. 134-145, 2000.
- AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças dos alunos de psicologia. **Revista do UNIPÊ**, v. 9, n.1, p. 56-63, 2005.

BULENT, A.; ADNAN, C. The effect of spiritual leadership on organizational learning capacity. **African Journal of Business Management**, v. 3, n. 5, p. 184-190, 2009.

BEAZLEY, H. **Meaning and measurement of spirituality in organizational settings: development of a Spirituality Assessment Scale**. Dissertation: George Washington University, 1998. Disponível em: <https://www.worldcat.org/title/meaning-and-measurement-of-spirituality-in-organizational-settings-development-of-a-spirituality-assessment-scale/oclc/41141949>. Acessado em 20/04/22.

BENEFIEL, M.; FRY, L. W.; GEIGLE, D. Spirituality and religion in the workplace: history, theory and research. **Psychology of Religion and Spirituality**, v. 6, n. 3, p. 175-187, 2014.

BUFFORD, R. K.; PALOUTZIAN, R. F.; ELLISON, C. W. Norms for the spiritual well-being scale. **Journal of Psychology and Theology**, v. 19, n. 1, p. 56-70, 1991.

CELLA D. F. *et al.* The Functional Assessment of Cancer Therapy scale: development and validation of the general measure. **Journal of Clinical Oncology**, v. 11, n. 3, p. 570-579, 1993.

COMTE-SPONVILLE, A. **O Espírito do Ateísmo**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

CURCIO C. S. S.; LUCCHETTI G.; MOREIRA-ALMEIDA A. Validation of the Portuguese version of the Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality (BMMRS-P) in clinical and non-clinical samples. **Journal of Religion Health**, v. 54, n. 2, p. 435-448, 2015.

FIORES, S.; GOFFI, T. **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2006.

ELKINS, D. N. A humanistic approach to spiritually oriented psychotherapy. *In*: SPERRY, Len Ed; SHAFRANSKE, Edward P. (Eds.). **Spiritually oriented psychotherapy**. American Psychological Association, 2005. p. 131-151.

FENWICK, T.; LANGE, E. Spirituality in the workplace: the new frontier of HRD. **Canadian Journal for the Study of Adult Education**, v. 12, n. 1, p. 63-87, 1998.

FERREIRA A. M. M. S. V. **Religiosidade em alunos e professores portugueses**. 375 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Aberta, Lisboa: Portugal, 2005.

FISCHER, J. Development and application of a spiritual wellbeing questionnaire called SHALOM. **Religion**, v. 1, n. 1, p. 105-121, 2010.

FORTI, S.; SERBENA, C. A.; SCADUTO, A. A. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência e saúde coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1463-1474, 2020.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**, 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRY, L. W. Toward a theory of spiritual leadership. **The Leadership Quarterly**, v. 14, n. 6, p. 693-727, 2003.

GALANTER, M. *et al.* Assessment of spirituality and its relevance to addiction treatment. **Journal of Substance Abuse Treatment**, v. 33, n. 3, p. 257-264, 2007.

GARCIA-ZAMOR, J. C. Workplace spirituality and organizational performance. **Public Administration Review**, v. 63, n. 3, p. 355-363, 2003.

GEH, E. Z. Organizational spiritual leadership of worlds “made” and “found”: an experiential learning model for “feel”. **Leadership & Organization Development Journal**, v. 35, n. 2, p. 137-151, 2014.

GIACALONE, R. A.; JURKIEWICZ, C. L. Toward a science of workplace spirituality. *In*: GIACALONE, R. A.; JURKIEWICZ, C. L., (Eds.). **Handbook of workplace spirituality and organizational performance**, M.E. Sharpe: New York, 2003, p. 19-42.

GOODWIN, C. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005.

HERZBERG, F. **Work and nature of man**. Cleveland, The World Publishing Co. 1966.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HODGES, F. D. **I deem you leader leadership preferences amongst a multigenerational workforce**. ProQuest Dissertations Publishing, 2019.

HOWDEN, J. W. **Development and psychometric characteristics of the spirituality assessment scale**. Dissertation. Texas Woman University, 1992. Disponível em: <https://twu-ir.tdl.org/handle/11274/187>. Acessado em 10/04/22.

HUFFORD, D. J. Mapping spiritual care. *In*: CHEZ R. A.; JONAS W. B. (Eds.). **Spiritual transformation and health through the lifecycle**. Corona del Mar: Samuli Institute, 2003.

JUHAIZI, M. Y.; MAHADZIRAH, M. The relationship between spiritual leadership, spiritual well-being and job satisfaction in the malaysian shipping industry: a pilot study. **International Journal of Research In Social Science**, v.4, 2014.

KARAKAS, F. Spirituality and performance in organizations: a literature review. **Journal of Business Ethics**, n. 94, n. 1, p. 89-106, 2010.

KOENIG, H. G.; BÜSSING, A. The Duke University Religion Index (DUREL): a five-item measure for use in epidemiological studies. **Religions**, v. 1, n. 1, p. 78-85, 2010.

KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M. E., LARSON, D. B. **Handbook of religion and health**. New York: Oxford University Press, 2001.

KRISHNAKUMAR, S.; NECK, C. P. The “what”, “why” and “how” of spirituality in the workplace. **Journal of Managerial Psychology**, v. 17, n. 3, p. 153-164, 2002.

LILLIS J. *et al.* Assessing spirituality/ religiosity in treatment environment: the treatment spirituality/religiosity scale. **Journal of Substance Abuse Treatment**, v. 35, n. 4, p. 427-433, 2008.

LIPS-WIERSMA, M.; MORRIS, L. Discriminating between “meaningful work” and the “management of meaning”. **Journal of Business Ethics**, v. 88, n. 3, p. 491-511, 2009.

LIU, C.; ROBERTSON, P. J. Spirituality in the workplace: theory and measurement. **Journal of Management Inquiry**, v. 20, n. 1, p. 35-50, 2011.

- LOTUFO NETO, F. **Psiquiatria e religião**: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. 1997. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- MAKKAR, S.; SINGH, A. K. Development of a spirituality measurement scale. **Current Psychology**. v. 40, n. 3, p. 1490-1497, 2021.
- MASLOW, A. H. A theory of human motivation. **Psychological Review**, v. 50, n. 4, 1943.
- MASLOW, A. **Toward a psychology of being**. 2, ed. New York: D. van Nostrand Co., 1968.
- McGREGOR, D. **O lado humano da empresa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MILLIMAN, J.; CZAPLEWSKI, A. J.; FERGUSON, J. Workplace spirituality and employee work attitudes: an exploratory empirical assessment. **Journal of Organizational Change Management**, v. 16, n. 4, p. 426-447, 2003.
- MITROFF, I. I.; DENTON, E. A. A study of spirituality in the workplace. **Sloan Management Review**, v. 40, n. 4, p. 83-92, 1999.
- PALOUTZIAN, R. F.; ELLISON, C. W. Loneliness, spiritual well-being and the quality of life. **Loneliness: a sourcebook of current theory, research and therapy**, v. 1, 1982.
- PANDEY, A.; GUPTA, R. K.; ARORA, A. P. Spiritual climate of business organizations and its impact on customers' experience. **Journal of Business Ethics**, v. 88, n. 2, p. 313-332, 2009.
- PANZINI, R. G. E.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 507-516, 2005.
- PARSIAN, N.; DUNNING, T. Developing and validating a questionnaire to measure spirituality: psychometric process. **Global Journal of Health Science**, v. 1, n. 1, p. 2-11, 2009.
- REGO, A.; CUNHA, M. Workplace spirituality and organizational commitment: an empirical study. **Journal of Organizational Change Management**, v. 21, n. 1, p. 53-75, 2008.
- ROCHA, R. G.; PINHEIRO, P. G. Organizational spirituality: concept and perspectives. **Journal of Business Ethics**, v. 171, n. 2, p. 241-252, 2021.
- RODRÍGUEZ-RAD C. J; RAMOS-HIDALGO E. Influencia de la religiosidad y la espiritualidad en el comportamiento ético del consumidor. **Innovar**, v. 27, n. 65, p; 69-80, 2017.
- TAUNAY T. C. *et al.* Development and validation of the Intrinsic Religiousness Inventory (IRI). **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 34, p. 76-81, 2012.
- TISCHLER, L.; BIBERMAN, J.; ALTMAN, Y. A model for researching about spirituality in organizations, **Business Renaissance Quarterly**, n. 2, v. 2, 2007.
- UNDERWOOD, L. G., TERESI, J. A. The daily spiritual experience scale: Development, theoretical description, reliability, exploratory factor analysis, and preliminary construct

validity using health-related data. **Annals of Behavioral Medicine**, v. 24, n. 1, p. 22-33, 2002.

UNDERWOOD, L. The daily spiritual experience scale: overview and results. **Religions**, v.2, n. 1, p. 29-50, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Programme on mental health: WHOQOL user manual**. 1998. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77932/WHO\\_HIS\\_HSI\\_Rev.2?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77932/WHO_HIS_HSI_Rev.2?sequence=1). Acessado em 20/04/22.

ZHANG, S. Workplace spirituality and unethical pro-organizational behavior: the mediating effect of job satisfaction. **Journal of Business Ethics**, v. 161, n. 3, p. 687-705, 2020.